

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Dia (R. J.)

Class.: Direitos Indígenas

Data: 23 de abril de 1982

Pg.: DINR 0032

# Núcleos pela libertação dos índios e das mulheres

BELO HORIZONTE (AGS) — Formação de Núcleos de Resistência pela Libertação dos Povos Indígenas e da Mulher Brasileira, de modo a reverter a sua situação na sociedade, foi a nova proposta tomada pela Secretaria Nacional de Justiça e Não Violência, no encerramento de um encontro que reuniu, nesta Capital, durante três dias, mais de 50 participantes, de vários credos, de todo o País.

O grupo, liderado no País por vários bispos, pastores e chefes religiosos, decidiu continuar lutando junto aos Movimentos de Defesa dos Favelados, de União da Consciência Negra e de organizações populares e sindicais do campo, das cidades e das barragens. Prometeu apoiar experiências socialistas na América Latina e prosseguir trabalho contra o desenvolvimento da indústria bélica.

### NAO VIOLÊNCIA

Segundo explicação de um dos coordenadores, Frei franciscano José Alamiro Andrade da Silva, do Movimento de Defesa dos Favelados de São Paulo, o trabalho do Secretariado Nacional pela Justiça e Contra a Violência já conseguiu no País importantes resultados. Ele citou a luta de posseiros de Alagamar, na Paraíba, contra usineiros de Pernambuco; depois de longa resistência, permaneceram nas suas terras. «É uma gasolina para o carro», afirmou, ao falar sobre a inspiração de luta do grupo, hoje disseminado na Igreja Católica Romana e em várias outras. Observou que

foi através deste trabalho que moradores da Favela Salvaterra, de São Paulo, conseguiram um acordo com autoridades para deixarem suas moradias.

Segundo ele, no trabalho de construção de uma usina em Petrolândia, no Nordeste, pequenos produtores desapropriados chegaram a ameaçar operários de empreiteiras, mas o grupo da Justiça e Não Violência conseguiu evitar conflitos e organizar os proprietários pela busca de novas terras, através de medidas justas.

### LIBERTAÇÃO

O Frei Alamiro Andrade disse que a luta pela paz e contra a indústria bélica se deve à posição tomada hoje pelo setor capitalista, sobretudo da indústria automobilística, afetado pela crise do petróleo. Os países desenvolvidos já conseguiram equilibrar seus balanços de pagamentos com divisas obtidas com a exportação de armas e só a Rússia, no ano passado, obteve 9 bilhões de dólares vendendo armas para o Terceiro Mundo, observou.

Sallentou que, além de inspirar movimentos populares e sindicais, o Secretariado Nacional de Justiça e Não Violência já vem atuando nas Comunidades Eclesiais de Base, propondo às Pastoras e às Comunidades treino prático e teórico da não violência. Citou o trabalho do grupo junto aos colonos de Ronda Alta, no Rio Grande do Sul, e concluiu que o apoio à luta dos índios e das mulheres brasileiras se deve aos direitos que têm de se organizarem e se libertarem.